



O Fisicalismo revisitado pela Filosofia Ecológica: as *affordances sociais*

Juliana Moroni¹
Maria Eunice Quilici Gonzalez²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo do conceito de *affordances sociais* no contexto da Filosofia Ecológica. Em especial analisamos a hipótese de que, as *affordances sociais* emergem da percepção da informação coletiva disponível no ambiente. Analisamos inicialmente a hipótese de Schmidt (2007), segundo a qual o significado das *affordances sociais* não está unicamente no organismo percebedor nem tampouco apenas no ambiente físico, mas é parte constituinte do seu nicho ecológico. O nicho é caracterizado como a soma das relações ecológico-informacionais entre organismo e ambiente, possuindo propriedades sociais, as quais são responsáveis por constituírem as *affordances sociais*. Argumentamos que o conceito de *affordances sociais* possibilita à Filosofia Ecológica elaborar uma concepção abrangente em relação à percepção-ação comparada àquela proposta pela vertente fisicalista na Filosofia da Mente. No plano metodológico, ela agrega aspectos ecológicos e semânticos, que permitem a elaboração de hipóteses para explicar as diversas formas de ajustes e leis que direcionam a ação dos organismos; tal concepção constitui uma alternativa àquela que lança mão do uso de representações internas para explicar a direcionalidade da ação.

Palavras-chave: Filosofia Ecológica. *Affordance Social*. Informação. *Invariante*; Fisicalismo Semântico.

Abstract:

The aim of this paper is to analyze the concept of *social affordance* in the context of Ecological Philosophy. In particular, we analyze the hypothesis that *social affordances* emerge from the collective perception of information available in the environment. We analyze Schmidt's hypothesis (2007) that the meaning of *social affordances* is neither exclusively in the perceiver nor only in the physical environment, but it is a constituent part of its ecological niche. The niche is characterized as the sum of ecological-informational relations between organisms and environment, having social properties which are responsible for constituting *social affordances*. We argue that the concept of *social affordances* enables the Ecological Philosophy to develop a comprehensive view about the physicalist perspective in Philosophy of Mind. From the methodological perspective the concept of *social affordance* aggregates ecological and semantic features

¹ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP – Campus de Marília. Bolsa: FAPESP. Orientador: Prof. Dr. Maria Eunice Quilici Gonzalez. Email: julianamoroni@yahoo.com.br

² Doutorado em Cognitive Science, Language and Linguistics (PhD), pela University of Essex, Livre-Docente do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Marília. Email: gonzalez@marilia.unesp.br



providing elements to explain various forms of adjustments and laws that guide the action of organisms.

Key words: Ecological Philosophy. Social Affordance. Information. Invariant. Semantic Physicalism.

I – INTRODUÇÃO

Na década de 1970, a Filosofia Ecológica surge com uma proposta epistemológica e metodológica renovadora das concepções clássicas da teoria do conhecimento, entre elas, o Fisicalismo Redutivo. No cerne dessa proposta estão os estudos acerca das *affordances* sociais e sua contribuição para a investigação do significado e da experiência vivida dos organismos nos seus nichos específicos. Neste trabalho procuramos destacar os principais pilares conceituais da Filosofia Ecológica, atribuindo especial interesse ao conceito de *affordance* e sua relação com o ambiente sócio-cultural. A *affordance* é caracterizada, segundo James Gibson (1986, p. 143) como informação disponível no ambiente para a ação. Ela é uma propriedade disposicional e relacional que emerge da relação dinâmica de mutualidade entre organismo e ambiente ecológico. Como explicitaremos, a hipótese da existência de *affordances* tem se mostrado um instrumento conceitual importante nas pesquisas contemporâneas acerca da cognição e da percepção-ação dos organismos.

II – OS PILARES DA FILOSOFIA ECOLÓGICA

“Nada existe em isolamento.”³
(LARGE, 2003, p. 65, tradução nossa)

Os pilares da Filosofia Ecológica estão alicerçados na Psicologia Ecológica originalmente proposta por Gibson (1966; 1982; 1986), no interior da qual são desenvolvidas pesquisas acerca da percepção-ação e experiência dos organismos na sua relação com o espaço ecológico. Essas pesquisas são aprofundadas através de reflexões filosóficas de caráter epistemológico, metodológico e ontológico que caracterizam as bases da Filosofia Ecológica.

³ Nothing exists in isolation.



Mas, o que é Filosofia Ecológica? Qual a diferença entre Filosofia Ecológica e Filosofia da Ecologia? A Filosofia Ecológica é caracterizada principalmente como uma área de investigação da relação de reciprocidade entre organismo e ambiente ecológico. Ela inaugurou, segundo alguns teóricos, uma maneira inovadora de estudar a informação e a percepção-ação independente de representações internas, supostamente existente nos seres humanos. Já a Filosofia da Ecologia direciona os seus estudos à relação entre seres humanos e meio ambiente numa perspectiva internalista representacional que focaliza os aspectos éticos e políticos. Entre as propostas de estudo de tal perspectiva inclui as investigações sobre os direitos dos animais, os efeitos nocivos do uso indevido dos recursos naturais pelo organismo humano, entre outros. No contexto dos estudos desenvolvidos pela Filosofia Ecológica e Filosofia da Ecologia se destacam algumas diferenças principalmente no que se refere às abordagens metodológicas e epistemológicas da relação organismo-ambiente. O cerne desta diferença está localizado na abordagem “assumidamente” representacionista da percepção-ação proposta pela Filosofia da Ecologia, negada pela Filosofia Ecológica. Nessas abordagens, observamos duas visões diferentes de mundo, quais sejam: a) racionalista representacionista e b) sistêmica biocêntrica. Se, por um lado, a concepção racionalista coloca o ser humano no centro do universo, a objetividade, principal característica dessa concepção, o coloca, paradoxalmente, fora do universo que ele habita; isto é, o ser humano, na sua totalidade, incluindo a sua história evolutiva de vida, está fora do universo do qual apenas a sua razão é (paradoxalmente) o centro. Em contraste, a visão sistêmica proposta pela Filosofia Ecológica busca integrar tal história evolutiva numa perspectiva que inclui não apenas o elemento racional, mas vários outros aspectos (emocionais, físicos, informacionais, etc) que conectam os demais seres vivos (entre si) e ao ambiente.

Entendemos que tal paradoxo surge porque, na concepção racionalista tradicional, o indivíduo apenas observa a natureza de maneira racional, colocando em segundo plano os aspectos corpóreos, emocionais e informacionais, os quais se instauram na sua relação com o mundo. Nessa concepção, o indivíduo está (parcialmente) dissociado do meio ambiente e do tempo vivido-experienciado. Por outro lado, entendemos que tal paradoxo é minimizado no que se refere à perspectiva



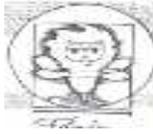
ecológica proposta por Gibson (1986), pois a relação entre organismo/ambiente é abordada de acordo com uma visão sistêmica.

A visão sistêmica exprimi a inseparabilidade entre as partes que formam uma totalidade. Um sistema pode ser concebido como unidade emergente da interação funcional entre os elementos que constituem e dão identidade a um todo. (BERTALANFFY, 2008; BOHM 1996; BRESCIANI, 1996). Nesta perspectiva, Bohm (1996), critica a maneira como nós vemos e percebemos o mundo, a qual é direcionada pelo nosso pensamento que é incompleto e fragmentado. Essa fragmentação é moldada pela visão mecanicista que reduz o mundo a elementos básicos, os quais são concebidos como externos e independentes uns dos outros. As partes são entendidas como dissociadas do contexto e por isso se desenvolvem separadamente e não como constituintes de um todo organizado. Exemplos da visão fragmentária do mundo podem ser encontrados em diversos tipos atitudes destruidoras da natureza que revelam uma suposta separação entre organismo e ambiente. Em contrapartida, a visão sistêmica, que pressupõe o conceito de *ordem implicada*, sustenta que as partes são dependentes do contexto, estando internamente conectadas com um todo; qualquer alteração em uma das partes implica em mudança na totalidade. Nessa mesma perspectiva Large (2003-2007, p. 63), na obra “Ecological Philosophy”, ressalta que organismo e ambiente são inseparáveis: “Eles são inseparáveis porque são identificados com relação um ao outro e eles são tão correlativamente identificados porque cada um é identificado pelo seu contraste com o outro”⁴.

Como expresso no trecho acima, na visão sistêmica o organismo é parte contínua e integrante do universo que habita, participando e interagindo de maneira recíproca com o meio em que está inserido: “Os organismos são concebidos como agentes situados no mundo, ao invés de sujeitos passivamente representando o mundo em suas mentes”. (GONZALEZ; HASELAGER; NASCIMENTO, 2004, p. 215).

Apesar de não negar o antropomorfismo no estudo das relações entre os seres vivos e seus ambientes específicos, a Filosofia Ecológica não é antropocêntrica; ela busca ampliar o campo de estudos dessas relações, investigando a vida em suas várias dimensões ecológicas. No contexto dessas dimensões, a percepção-ação é ambientalmente situada, sendo estudada a partir da concepção de visão sistêmica da

⁴ They are inseparable because they are identified relative each other and they are so co-relatively identified because each is identified by its contrast with the other.



natureza que tem como uma de suas principais ferramentas de análise o método de investigação sistêmico. Esse método focaliza principalmente os planos de escala “macro” na relação percepção-ação de agentes situados e incorporados.

O plano macro na Filosofia Ecológica não é estudado em escala extremamente amplificada de modo a perder as particularidades significativas das ações, mas de acordo com o contexto no qual ocorrem as relações informacionais que envolvem o processo de percepção-ação dos agentes incorporados e situados. Nesse sentido, a realidade é constituída por diferentes escalas de análise através das quais as relações informacionais, dinâmicas e qualitativas (singulares de cada espécie), são direcionadas por processos auto-organizados⁵ os quais têm papel crucial na manutenção da vida.⁶ Em contraste, esse método se diferencia do método de análise racionalista adotado por áreas do conhecimento como a Física e a Biologia que utilizam pressupostos objetivistas que distanciam o agente do meio para a compreensão, previsão e “dominação” da natureza.

Vale ressaltar que o método de análise racionalista está relacionado à corrente internalista da Filosofia da Mente, a qual defende a concepção de que a percepção envolve abstrações concebidas como representações mentais mediadoras da relação entre sujeito e ambiente. Por outro lado, a corrente externalista, na qual está inserida a Filosofia Ecológica, defende a concepção de que a percepção dispensa representações mentais para fundamentá-la.

Em síntese, a Filosofia Ecológica propõe uma visão sistêmica da natureza, segundo a qual organismos e ambiente formam um sistema dinâmico e complexo. Esse sistema, governado por leis ecológicas, coloca os organismos em um ambiente informacional em que a ação desempenha um papel fundamental. Nesse ambiente, as partes estão interligadas formando um todo organizado. A partir dessa visão não fragmentada da natureza, a Filosofia Ecológica propõe novos parâmetros para o estudo epistemológico do conceito de informação que se contrasta com aqueles desenvolvidos pela Filosofia da Mente contemporânea dominante no viés analítico.

Nesse sentido, inspiradas nos trabalhos de Gibson (1966; 1982; 1986), Large (2003) e Turvey (2010), procuramos mostrar que a hipótese da percepção direta está

⁵O conceito de Auto-Organização já foi objeto de estudo em “*O conceito de informação no contexto da Teoria da Auto-Organização*” (MORONI, J., 2009, p. 132-144) e, também, será objeto de estudo detalhado em trabalhos posteriores.

⁶Notas de aula – Informação fornecida pela Prof^a Dr^a Maria Eunice Quilici Gonzalez em Marília, em Maio de 2010.



fundamentada em quatro pilares conceituais, quais sejam: 1 – Percepção-ação, 2 – Reciprocidade, 3 – *Affordance* e *Invariante*, 4 - Informação ecológica. Para os propósitos deste artigo focaremos nosso estudo no conceito de *affordance*, o qual será objeto de estudo dos tópicos seguintes.

III - A TEORIA DA PERCEPÇÃO DIRETA E O CONCEITO DAS *AFFORDANCES*

“A questão central para a teoria das affordances não é se elas existem e são reais, mas se há informação disponível no ambiente de luz para percebê-las.” (GIBSON, 1986, p. 140).⁷

Em sua obra *“The Ecological Approach to Visual Perception”*, James Gibson, com base em seus estudos desenvolvidos na área da Filosofia e Psicologia Ecológica, propõe um enfoque diferente daquele adotado pela Psicologia Tradicional, seja no viés mentalista, seja no viés behaviorista, acerca da relação organismo/meio ambiente. Segundo Gibson (1986, p. 2), tanto a teoria estímulo-resposta defendida pelos behavioristas quanto a concepção mentalista, no que se refere ao sistema perceptivo, apresentam falhas, não sendo suficientes para explicar a relação de reciprocidade e desenvolvimento mútuo entre organismo e ambiente. Não é o objetivo deste artigo discutir a posição de Gibson acerca das falhas das concepções behavioristas e mentalistas acerca do sistema perceptivo, mas apenas situá-la como uma terceira opção entre behaviorismo e mentalismo.

Através do estudo do conceito de *affordance* e de informação ecológica, Gibson desenvolveu suas idéias baseado no princípio de reciprocidade, segundo o qual existe relação intrínseca entre organismo e ambiente ecológico. Neste tópico, apresentaremos uma breve definição do conceito de *affordance* e suas implicações filosóficas no que se refere às noções de informação e percepção visual no contexto da obra *“The Ecological Approach to Visual Perception”*.

O termo *affordance* foi primeiramente introduzido por Gibson em 1966 e sua origem remonta à psicologia da *Gestalt*. Os gestaltistas Koffka e Lewin cunharam,

⁷ The central question for the theory of affordances is not whether they exist and are real but whether information is available in ambient light for perceiving them.



respectivamente, os termos “*demand character*” e “*aufforderungscharakter*”, traduzidos como “*invitation character*” ou “valência”, da qual o vocábulo *affordance* se originou. (GIBSON, 1986, p. 138-139).

A *affordance* indica a possibilidade de ação que o ambiente disponibiliza aos organismos, não sendo dependente das necessidades particulares dos indivíduos. Os valores e significados são percebidos diretamente através da informação, a qual, por sua vez, estimula as sensações e está presente no ambiente de luz. Como ressalta Gibson (1986, p. 138-139, tradução nossa):

Uma *affordance* não é concedida a um objeto por uma necessidade do observador e sua ação de percebê-la. O objeto oferece o que ele possibilita porque ele é o que é. [...] nós definimos o que é uma *affordance* nos termos da física ecológica ao invés da física tradicional; e o que ela é, portanto, possuindo significado e valor intrínsecos. Contudo, estes significado e valor são de um novo tipo.⁸

Nesse sentido, como ressaltamos, a *affordance* é caracterizada como propriedade ecológica que emerge através da relação informacional de reciprocidade entre organismo e ambiente. Nesse sentido, o significado e valor, ao qual Gibson se refere na citação acima, são de um novo tipo em relação à tradição, sobretudo aquelas teorias que fazem uso de representações mentais para explicar a ação, pois dependem da história evolutiva dos organismos e da sua interação com o meio. Nesse contexto, a *affordance* se configura pela interação entre organismo e meio ambiente. “*Affordance implica a complementaridade do animal e do meio ambiente*”.(Gibson, 1986, p. 12)⁹; é a relação mútua, benéfica ou prejudicial entre o animal e o meio, constituindo um rol de possibilidades de ação. Dentre os vários tipos de *affordances* oferecidas pelo ambiente se destacam: o meio (ar), as substâncias (água), as superfícies, objetos (incluindo pessoas e animais. Como ressalta Gibson (1986, p. 128, tradução nossa):

As diferentes substâncias do meio ambiente têm diferentes *affordances* para nutrição e para manufatura. Os diferentes objetos do meio ambiente têm diferentes *affordances* para manuseio. Os outros animais possibilitam, acima de tudo, um conjunto rico e complexo de

⁸ An *affordance* is not bestowed upon an object by a need of an observer and his act of perceiving it. The object offers what it does because it is what it is. [...] we define what it is in terms of ecological physics instead of physical physics, and it therefore possesses meaning and value to begin with. But this is meaning and value of a new sort.

⁹ It implies the complementarity of the animal and the environment.



interações, sexual, predatória, alimentação, luta, jogo, cooperação e comunicação. O que outras pessoas possibilitam (*affords*) constitui a totalidade real da importância social para os seres humanos. Nós prestamos atenção mais detalhadamente na informação visual e acústica que especifica o que a outra pessoa é, solicita, denuncia e faz.¹⁰

Entre as diferentes *affordances* (especificados na citação acima: interação sexual, alimentação, luta, comunicação, cooperação, etc) que o ambiente disponibiliza aos organismos, as que emergem da interação social entre os seres vivos são consideradas mais complexas no que se refere a sua estrutura física e funcionalidade, em comparação com outros constituintes do ambiente ecológico. A estrutura e funcionalidade proporciona uma complexa interatividade entre os organismos e ambiente ecológico. (GIBSON, 1986).

No que diz respeito aos seres humanos, eles são considerados “sistemas” ecológicos revestidos com pele, os quais possuem uma superfície que absorve e reflete luz. A ênfase neste aspecto se justifica uma vez que Gibson focaliza a *informação* para especificar os mais variados tipos de *affordances* que os organismos propiciam aos demais organismos. A informação, quando situada no contexto da percepção visual, pode ser caracterizada como um complexo sistema dinâmico que inclui *affordances*.

A percepção visual das *affordances* ocorre por meio da captação direta de *invariantes*, que, por sua vez, está presente no ambiente de luz e é responsável por estimular a sensibilidade óptica dos organismos. A informação ecológica também está presente no odor, no som e no toque, por exemplo.¹¹ Ela é responsável pela identificação da *affordance* disponível no ambiente. A informação visual direciona o comportamento do animal, auxiliando principalmente a sua locomoção, advertindo-o dos prazeres e perigos presentes no ambiente natural. Ela está disponível, por exemplo, na luz para ser captada diretamente pela percepção visual.

¹⁰The different substances of the environment have different *affordances* for nutrition and for manufacture. The different objects of the environment have different *affordances* for manipulation. The other animals afford, above all, a rich and complex set of interactions, sexual, predatory, nurturing, fighting, playing, cooperating, and communicating. What other persons afford comprises the whole real of social significance for human beings. We pay attention to the optical acoustic information that specifies what the other person is, invites, threatens, and does.

¹¹ Não é objetivo deste trabalho realizar um estudo acerca dos vários tipos de informação para percepção presentes no ambiente, mas apenas investigar aspectos da percepção visual responsáveis pela identificação de *affordances* sociais disponíveis no ambiente.



Entretanto, a concepção de informação visual gibsoniana provoca diversas discussões filosóficas entre estudiosos do assunto, tais como:

- 1- A informação está disponível na luz ou no objeto que a refletiu?
- 2- A luz não é considerada apenas o veículo de transmissão de informação?

Em resposta a tais perguntas, a Filosofia Ecológica gibsoniana apresenta argumentos, que fundados no princípio da reciprocidade, os quais explicam que a luz tanto pode ser considerada informação quanto veículo de captação da informação pelos organismos dependendo de suas *affordances*.

Como vimos, o conceito de *affordance* é relacional, não sendo possível mensurá-la e entendê-la segundo os parâmetros da física tradicional. (GONZALEZ, 2004). Para exemplificar essa relacionalidade é válido mencionar a água (substância), que pode ser considerada um líquido, propiciando a *affordance* para beber ou banhar para alguns animais, ou, pode ser reputada como uma superfície propiciando a *affordance* de apoio, permitindo a locomoção para peixes e algumas espécies de insetos.

No que se refere ao contexto da ação humana, as *affordances* podem ser percebidas individualmente ou coletivamente. Consideramos, por exemplo, um lápis que proporciona a *affordance* (escrever) para milhares de pessoas; contudo, para um índio de uma tribo que nunca tenha entrado em contato com a civilização, que tem a escrita como elemento central de comunicação, o lápis poderia não ter significado algum ou poderia ter outra possibilidade de ação que não fosse a escrita ou mesmo poderia não ser percebido. Nesse exemplo, o significado, inerente ao uso do lápis, é intrínseco ao ambiente, emergindo através da percepção das *affordances* dos seus usuários.

As *affordances* percebidas coletivamente podem ser intra ou interespecíficas. A *affordance* intraespecífica é caracterizada como as propriedades que constituem o nicho ecológico de uma determinada espécie. Já a *affordance* interespecífica pode ser caracterizada como resultante das propriedades que emergem da relação entre espécies diferentes em ambientes diversos. Um exemplo de *affordance* intra-específica seria a *affordance* proporcionado pelo lápis, já mencionado, pois ele é significativo para uma espécie particular, no caso o ser humano. Para exemplificar a *affordance* interespecífica



podemos mencionar a existência de objetos como lanças, os quais são utilizados pelos seres humanos e também, através de estudos recentes, comprovadamente construídas e utilizadas por chimpanzés. De modo ainda mais geral, a água seria interespecífica no caso de todos os seres vivos.

A lança, por exemplo, pode proporcionar uma *affordance* coletiva (caça). A percepção dos objetos se dá por meio das suas *affordances* e, de certa forma, por meio de suas qualidades podendo estar relacionada aos aspectos culturais de cada sociedade. Percebemos e também aprendemos a perceber as *affordances* coletivas, neste caso, de um objeto.

De acordo com Gibson (1986), a percepção visual das *affordances* (como no caso da lança) pode ser equivocada quando apreendida por meio de informação ambígua, errônea ou oculta. A percepção visual incorreta das *affordances* pode levar à ações indesejáveis, como quando confundimos uma porta de vidro fechada com o ar e tentamos transpô-la. Assim, o conceito de *affordance* admite a possibilidade de ilusão. Segundo Gibson (1986), a melhor maneira de tentar captar os diferentes tipos de *affordances* que o ambiente oferece (*meio, substância, superfícies, objetos, pessoas e animais*) é observá-las minuciosa e atentamente.

Em suma, segundo a perspectiva da Filosofia Ecológica, os organismos captam diretamente as *affordances* presentes no meio desdobrando informação que, por sua vez, está no ambiente iluminado. De acordo com Gibson (1986), as *affordances* são propriedades que emergem da inter-relação entre organismo e ambiente. Essas propriedades são percebidas coletivamente pelos organismos. O significado dessas propriedades coletivas, ou seja, das *affordances coletivas* está essencialmente conectado a ação; *affordances* significativas emergem das relações intra e interespecíficas dos organismos com o ambiente. É através destas relações que as *affordances* sociais direcionam a ação dos organismos, proporcionando a assimilação e quebra de padrões informacionais que constituem as experiências de vida dos agentes. O conceito de *affordances* sociais que serão objeto de estudo do tópico seguinte.

IV – AS AFFORDANCES SOCIAIS E O SIGNIFICADO DA INFORMAÇÃO PERCEPTUAL



“As características do *econicho humano* não são somente de natureza biológica e geológica; elas também são *socioculturais*.” (HEFT, 2007, p. 102, tradução nossa).¹²

As *affordances* sociais têm sido objeto de estudo de pesquisas contemporâneas na Filosofia Ecológica e na Psicologia Ecológica. Tais estudos são desenvolvidos por pesquisadores como Schmidt (2007), Heft (2007), Hodges (2007), Baron (2007), entre outros, os quais realizam uma pesquisa interdisciplinar envolvendo a Filosofia, Psicologia Social e a Teoria Ecológica. As concepções clássicas de significado como as propostas por Chomsky, por exemplo, nos remete a uma concepção internalista. Em contraste, no contexto da concepção ecológica, o significado surge de propriedades do ambiente e eventos sociais, ou seja, da relação que estabelecemos com o ambiente social e não somente com os nossos próprios pensamentos. Nesse sentido, como elaborar uma concepção de significado que abarque a Teoria Ecológica da percepção proposta pela Filosofia Ecológica? Uma possível resposta para tal questão envolve um estudo do significado por meio da apreensão de *affordances* sociais.

Segundo Schmidt (2007, p. 137), a percepção do significado está relacionada à percepção das *affordances* sociais. Pode parecer estranha a hipótese de que percebemos o significado, mas como exemplo mencionamos a percepção direta que um motorista tem do significado das cores verde e vermelho na sinalização de trânsito. Esse motorista direciona a sua ação de modo a parar o carro quando o sinal está vermelho e de prosseguir seu percurso quando o sinal está verde devido ao contexto sócio-cultural no qual ele está inserido. Uma vez inserido em um ambiente em que a cor vermelha, no trânsito, indica pare e a verde, avance, esse indivíduo não precisa fazer inferências a fim de perceber o significado das cores para a direcionalidade da sua ação. O significado é percebido diretamente através da captação das *affordances* que as cores proporcionam no contexto das leis de trânsito. Outro indivíduo, que não está inserido no mesmo contexto sócio-cultural que identifica as cores verde e vermelho como prossiga e pare, respectivamente, não poderia perceber o significado das *affordances* proporcionadas pelas cores de imediato.

¹² The features of the human *econiche* are not solely biological and geological in nature; they are also sociocultural.



A percepção das *affordances sociais* se contrasta com a percepção das *affordances* que estão disponíveis no ambiente físico. Como ressalta Schmidt (2007, p. 137): *A percepção dos significados sociais, tradicionalmente considerados privados, é direcionada a contrastar a percepção das affordances sociais com a percepção das affordances físicas dos objetos do ambiente.*¹³ As *affordances* do ambiente físico são definidas na Psicologia Ecológica gibsoniana como: a) possibilidades de ação disponíveis no ambiente e b) a relação entre as propriedades ecológicas do ambiente e do organismo. Nesse contexto, o problema que se coloca é: como conceber uma teoria do significado da ação social que englobe a definição de *affordance* proposta originalmente por Gibson (1979; 1986)? Uma possível resposta para tal problemática, segundo Schmidt (2007, p. 137) consiste em aceitar os critérios que especificam o realismo ontológico gibsoniano, quais sejam: 1) ontologicamente, as propriedades ecológicas dos organismos e ambiente são reais e incorporadas, isto é, elas não são frutos de representações mentais, mas estão disponíveis no mundo para serem apreendidas e 2) a existência da informação ecológica como elemento central na explicação da relação entre organismo e ambiente.

Levando em consideração esses dois critérios entendemos que o conceito de *affordance* fornece subsídio para uma teoria relacional do significado na medida em que as propriedades que especificam a relação organismo-ambiente não estão localizadas apenas no ambiente físico, mas fazem parte do *econicho*. O *econicho* dá unidade à inter-relação entre as propriedades ecológicas do organismo e àquelas referentes ao seu ambiente específico. Ele é construído a partir de elementos externos que são característicos do ambiente como o território, a temperatura, os objetos ecológicos (madeira, água, etc) e, também, através do processo histórico-evolutivo que os organismos compartilham com o ambiente. No contexto desse processo evolutivo, os elementos naturais e sócio-culturais estão inter-conectados proporcionando um *background* adaptativo para que os organismo possam direcionar as suas ações. (SCHMIDT, 2007).

Nesse sentido, as *affordances* sociais não são caracterizadas como subjetivas nem tampouco como objetivas, mas como possibilidades de ação significativa que emergem da relação do organismo com seu nicho. A distinção entre objetivo e subjetivo na Filosofia Ecológica se torna irrelevante uma vez que a apreensão do significado não

¹³ The perception of social meanings traditionally deemed to be private is addressed by contrasting the perception of social affordances with the perception of the physical affordances of environmental objects.



necessita de representações mentais, não se caracterizando como um processo inferencial, mas direto e informacional. (SCHMIDT, 2007, p. 138). Como ressalta Schmidt (2007, p. 138, tradução nossa):

As affordances não são subjetivas e nem objetivas, mas definidas de um modo em que a distinção entre subjetivo/objetivo se torna irrelevante. Falando mais claramente, os significados não existem dentro da cabeça (na forma de representações mentais), mas emergem das minhas relações com os fatos do ambiente e existem fora da minha cabeça nesta relação. Como uma teoria do significado, as affordances são ambos relacional e extensional (como oposto a representacional e intensional).¹⁴

Como expresso na citação acima, o conceito de *affordance* extrapola os limites da discussão subjetivo/objetivo na Filosofia da Mente. Essa extrapolação deixa de lado a concepção de representações mentais no âmbito do estudo da emergência do significado na Filosofia Ecológica. Entretanto, de acordo com Schmidt (2007, p. 138), para alguns críticos da Teoria Ecológica como Fodor & Pylyshyn (1981), por exemplo, as representações mentais são imprescindíveis para explicar o processo de elaboração do significado. Nesses processos, para estes críticos, a informação significativa necessária para especificar o objeto não pode ser apreendida imediatamente, ou seja, através da percepção direta visto que ela não está situada no ambiente, mas é fruto das representações mentais que envolvem planejamento da ação, as recordações, entre outras.

Em contraposição aos representacionistas, Schmidt (2007, p. 138-140) argumenta que os ambientes físico e social estão inter-relacionados na medida em que as ações são realizadas em ambos os contextos. Em tais ambientes, os organismos percebem diretamente o significado presente nas propriedades disposicionais que possibilitam a ação, independente de representações mentais. O significado emerge da relação entre as propriedades do organismo e àquelas referentes ao ambiente, ficando a cargo do organismo-percebedor captar a informação disponível que especifica esta relação. A relação entre as propriedades do ambiente e do organismo constitui a base

¹⁴ Affordances are neither subjective nor objective but defined in a way to make the subjective/objective distinction irrelevant. Speaking more plainly, meanings exist not inside my head (in the form of mental representations) but emerge from my relations to the environmental facts and exist outside my head in this relationship. As a theory of meaning, affordances then are both relational and extensional (as opposed to representational and intensional).



das affordances sociais que são expressas através de significados perceptivo-motores (físicos) e significados sociais. Como ressalta Schmidt (2007, p. 139, tradução nossa): “[...] o ambiente social contém mais do que apenas pessoas. Objetos inanimados também podem ter significados sociais que estão disponíveis simultaneamente com seus significados motores-perceptivos.”¹⁵

Nesse sentido, Schmidt (2007, p. 138) coloca as seguintes indagações: a teoria da *affordance* pode ser considerada uma teoria geral ou específica? Ela é capaz de explicar a concepção de significado perceptivo-motor e significado social através das propriedades coletivas e físicas disponíveis no ambiente? A sua resposta para tais indagações é positiva; ele ilustra a sua concepção de *affordances* sociais com o exemplo da xícara que ganhou de presente de sua filha. Para ele, a xícara possibilita (*afford*) a ação de pegar, porém, além disso, ela proporciona a ação de tomar café, ou seja, além de seu significado físico (pegável) a xícara também possui um significado social (tomar café). A propriedade da xícara que possibilita o segurar está relacionada à determinada propriedade do sistema motor (mexer a mão, mexer os braços, etc), constituindo as bases das *affordances* físicas do ambiente. Nesse sentido, o significado de “pegabilidade” da xícara é externo, não necessitando de representações mentais para ser efetivado. Já o significado social da xícara faz parte do contexto histórico evolutivo do indivíduo e pode ser considerado subjetivo na medida em que esta subjetividade pode ser compartilhada com outros indivíduos que também participam dos mesmos nichos sociais.

Assim, para Schmidt (2007, p. 140-144), as propriedades das *affordances* sociais são físicas e funcionais visto que dependem do ambiente físico e do comportamento do organismo em relação ao nicho em que está inserido. A relação entre as propriedades físicas dos elementos constitutivos dos sistemas ecológicos possibilita o surgimento das propriedades funcionais sociais. Essas propriedades sociais são intersubjetivas, ou seja, dependem da relação entre o comportamento de dois ou mais indivíduos para existir no tempo e no espaço. As relações entre os indivíduos proporcionam o surgimento de propriedades ambientais sistêmicas que delimitam e direcionam as ações sociais que constituem eventos sociais.

¹⁵ [...] the social environment contains more than just people. Inanimate objects can also have social meanings that are available simultaneously with their perceptual-motor meanings.



Na perspectiva da Filosofia Ecológica, os eventos sociais são entidades com aspectos temporal e espacial que envolvem a informação do passado e do presente para a construção do nicho. Nesse sentido, eles incorporam memórias da evolução dos organismos no ambiente. Porém, como uma concepção de memória que está relacionada ao tempo passado é compatível com a teoria da percepção direta? Uma resposta a esta questão é oferecida por Schmidt ao considerar o passado como uma seqüência de eventos significativos e contínuos (acordar, caminhar, estudar, trabalhar, comer, se divertir, dormir, entre outros) que se desenvolvem no interior de um sistema. Tais eventos são percebidos direta e retrospectivamente no presente através do desdobramento de invariantes que especificam o ambiente significativo. (SCHMIDT, 2007, p. 145-147). Como ressalta Schmidt (2007, p. 144, tradução nossa): “O passado é percebido e percebido diretamente.”¹⁶

Neste sentido, a concepção ecológica de memória, em contraste com aquela de tempo clássico, linear, é explicada através da noção de tempo ecológico, que pode ser caracterizado como o tempo vivido pelo organismo. Na perspectiva ecológica, a memória é fruto da percepção dos desdobramentos de *invariantes* que especificam determinado evento que, por sua vez, surge de modo significativo em determinados sistemas ecológicos que envolvem pessoas, objetos, plantas, entre outros. Esse desdobramento de *invariantes* é caracterizado como a percepção do passado no presente; o passado pode ser percebido no presente porque o nicho é constituído por eventos contínuos de longa e curta duração que se articulam no interior de um sistema evolutivo. (SCHMIDT, 2007, p. 145-147).

Em suma, procuramos caracterizar as *affordances* sociais e o significado da informação perceptual de acordo com a concepção de percepção direta proposta inicialmente por Gibson (1979; 1986). Apoiados nos trabalhos de Schmidt (2007), sugerimos que não há incompatibilidade entre as concepções de *affordances* sociais e da percepção direta, visto que o significado, presente em ambos, emerge da percepção direta da informação disponível nas propriedades físicas e sociais das *affordances*. A relação entre tais propriedades sistêmicas do ambiente-organismo constitui a base para a concepção de significado na Filosofia Ecológica, que o caracteriza como direto e

¹⁶ The past is perceived and perceived directly.



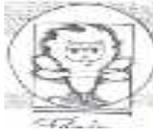
informacional, não necessitando de representações mentais para ser apreendido por organismos sistemicamente incorporados e situados.

V – CONCLUSÃO

Neste trabalho realizamos um estudo do conceito de *affordances* sociais no contexto da Filosofia Ecológica. Partimos do pressuposto que as *affordances* sociais são propriedades ecológicas que emergem da relação de reciprocidade entre organismos coletivamente situados nos nichos. Tais propriedades são percebidas através da captação direta da informação coletiva disponível no ambiente ecológico. Nesse contexto, inicialmente caracterizamos o conceito de *affordance* de acordo com as concepções gibsonianas para, posteriormente, expormos, apoiadas em Schmidt, a relação entre a concepção de *affordances* sociais e o significado da informação perceptual. Sugerimos que a percepção das *affordances* sociais desempenha um papel crucial na evolução e manutenção da vida visto que possibilita o ajuste dos padrões informacionais de ação dos organismos aos seus respectivos contextos histórico evolutivos.

O estudo do conceito de *affordances* sociais expressa uma visão de mundo não fragmentada na qual os organismos não são considerados partes isoladas do ambiente que habitam, mas são seres que compartilham padrões informacionais coletivos que especificam e direcionam os seus comportamentos em nichos sistêmicos. O estudo da percepção-ação na relação entre seres vivos e seus nichos específicos é realizado no plano ecológico de análise, não desprezando o plano macro-macro e nem o micro-micro, porém, sem reduzir a realidade a partículas físicas ou na dimensão interplanetária.

A irreduzibilidade da percepção-ação à partículas físicas exprime a concepção segundo o qual o significado é fruto da interação entre os diversos elementos que constituem a natureza do ambiente ecológico sistêmico. O significado inerente a informação ecológica está associado a padrões informacionais caracterizados como *invariantes* pertencentes a sistemas coabitados por seres vivos. Como vimos, tais *invariantes* são padrões informacionais de organização que podem facilitar ou dificultar a ação dos organismos no ambiente, constituindo *affordances*. Através da percepção das *affordances* os seres vivos ajustam as suas ações, adaptando-as às exigências do ambiente. O ajuste da ação engloba aspectos físicos e sociais que, no caso das *affordances* sociais, permitem compreender o ambiente físico e sócio-cultural de modo



integrado, propiciando a construção de uma metodologia e epistemologia voltadas ao estudo sistêmico da vida.

REFERÊNCIAS:

- BARON, M. R. Situating coordination and cooperation between ecological and social Psychology. In: *Ecological Psychology*. V. 19, n. 2, 2007, p.179-199.
- BRESCIANI FILHO, E. Organização informacional, auto-organização e inovação. IN: In: *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. (ORGS). DEBRUN, M. ; GONZALEZ, MEQ; PESSOA JR., . Campinas: UNICAMP, centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência., 1996.
- DRETSKE, F. I. *Knowledge and flow of the information*. Oxford: Blackwell,1981.
- DRETSKE, F. I. *Naturalizing the mind*. Cambridge: Mit Press,1995.
- FODOR, J. A.; PYLYSHYN, Z. W. How direct is visual perception?: some reflections on Gibson's "ecological approach". In: *Cognition*. Lausanne, Netherlands: Elsevier Sequoia S.A. V. 9, 1981, p. 139-196.
- GIBSON, J. J. *The senses considered as perceptual systems*. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
- GIBSON, J. J. *Reasons for realism*. Lawrence Earlbaum Associates, Inc, 1982.
- GIBSON, J. J. *The Ecological Approach to visual perception*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, Inc, 1986.
- GONZALEZ, M.E.Q.; NASCIMENTO, T.C.A.; HASELAGER, W.F.G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. In: GONZALEZ, M.E.Q.; FERREIRA, A.; COELHO, J. (Org.). *Encontro com as Ciências Cognitivas IV*.1 ed. São Paulo, 2004. v. IV, p. 195-220.
- GONZALEZ, M.E.Q; MORAIS, S. R. A teoria da percepção/ação e o comportamento sócio-cultural. In: GONZALEZ, M.E.Q.; FERREIRA, A.; COELHO, J. (Org.). *Encontro com as Ciências Cognitivas V*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, p. 149-161.
- GONZALEZ, M.E.Q.; HASELAGER, W.F.G. A identidade pessoal e a teoria da cognição incorporada e situada. IN: *Sujeito e Identidade Pessoal: Estudos de Filosofia da Mente*. BOENS, M. C.; MILIDONI, C. B. (ORGS). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003, p. 95-111.
- HEFT, H. The social constitution of perceiving environment reciprocity. In: *Ecological Psychology*. V. 19, n. 2, 2007. p. 85-105.
- HODGES, B. H. Values define fields: the intentional dynamics of driving, carrying, leading, negotiating, and conversing. In: *Ecological Psychology*. V. 19, n. 2, 2007. p. 153-178.
- LARGE, D. N. *What is ecological philosophy?* Disponível em: http://www.newphilsoc.org.uk/OldWeb1/Ecological/what_is_ecological_philosophy.htm. Acesso em: 17 maio. 2010.
- LARGE, D. N. *Ecological philosophy*. Web Version. 2003. Disponível em: <http://www.newphilsoc.org.uk/Ecological/DavidLarge.PDF>. Acesso em: 10 dez. 2007.
- SCHMIDT, R. C. Scaffolds for social meaning. In: *Ecological Psychology*. V. 19, n. 2, 2007, p. 137-151.
- PETRUSZ, S.C.; TURVEY, M. T. On the distinctive features of ecological laws. In: *Ecological Psychology*. 2010, p. 44-68.



5^o Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

VON BERTALANFFY, L. *A teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.